

**A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE EXCLUSÃO SOCIAL EM
AMAZÔNIA MISTERIOSA, DE GASTÃO CRULS.**

Alexander Meireles da Silva (UFG)

Resumo:

Assim como ocorreu na Europa, as grandes questões dos períodos do entre guerras no século vinte promoveram as condições para o surgimento da Ficção Científica no Brasil. Em nosso país, essa forma literária se apresentou através da Literatura de Distopia e refletiu o interesse das elites dirigentes com as teorias eugenistas da época e com a constituição miscigenada do povo brasileiro. Para discutir este fato, este trabalho analisa como o romance *Amazônia misteriosa* (1925), de Gastão Cruls, dialoga com as convenções da ficção científica britânica vitoriana durante o período da República Velha (1889-1930) e se coloca como um instrumento ideológico das elites da época contra a população brasileira.

Palavras-chave: Fantástico - Literatura Comparada – Literatura Brasileira

**LITERATURE AS AN INSTRUMENT OF SOCIAL EXCLUSION IN *AMAZÔNIA
MISTERIOSA*, BY GASTÃO CRULS**

Abstract:

As it was observed in relation to Europe, the context of the period between the two World Wars provided the conditions for the appearance of Science Fiction in Brazil. In this country, this literary form was expressed through the Dystopian Literature and reflected the interest of Brazilian elites about the eugenic theories of the time and about miscegenation as a crucial element in the constitution of the country's people. To discuss this fact, this work analyses how the romance *Amazônia misteriosa* (1925), by Gastão Cruls, dialogues with the conventions of victorian british science fiction during the period of the Old Republic (1889-1930) and act as an ideological instrument of the elites against the Brazilian population.

Key-words: Fantastic - Comparative Literature – Brazilian Literature

Este estudo pretende analisar como as convenções da Ficção Científica (FC) surgidas e desenvolvidas na literatura britânica se manifestaram dentro do cenário literário brasileiro nas primeiras décadas do século vinte, mais especificamente durante o período histórico conhecido como a República Velha (1889-1930) e foram utilizadas como um veículo ideológico das elites contra a população brasileira. Neste cenário o escritor brasileiro Gastão Cruls foi um dos mais representativos exemplos da ideologia excludente das elites brasileiras da época. A fim de demonstrar esta proposta, este artigo irá analisar como o romance de Cruls - *Amazônia misteriosa* (1925) – dialoga com as convenções da FC britânica vitoriana na forma do romance científico e do romance de aventuras para veicular as idéias científicas correntes em seu tempo sobre a constituição social da sociedade brasileira.

O fim da Primeira Guerra Mundial em 1918 não trouxe a paz duradoura esperada após um conflito de quatro anos. A assinatura do Tratado de Versalhes no qual se impuseram duras penas à derrotada Alemanha, o colapso econômico provocado pelo pós-guerra em muitos países e a Revolução Russa de 1917 fomentou um ambiente de medos, angústias e ressentimentos que contribuiu para agravar profundamente os problemas sociais. Temendo a ameaça ao seu controle, as elites econômicas revelaram-se favoráveis à formação de governos autoritários que pudessem recompor a ordem social sem questionamento do funcionamento do capitalismo. Essas idéias políticas abriram espaço para o avanço dos regimes totalitários que levariam o mundo à Segunda Guerra Mundial. O Fascismo na Itália e o Nazismo na Alemanha estão entre os exemplos mais significativos destes regimes.

No Brasil, o processo que culminaria na chegada de Getúlio Vargas ao poder dando início ao autoritarismo da Era Vargas (1930-1945) ganhou impulso ao fim da Primeira Grande Guerra, quando a depressão econômica que se seguiu provocou a percepção de que a República Velha e sua política do café-com-leite havia esgotado as expectativas que nortearam a sua fundação com a proclamação da República em 1889. Sinais disso ocorriam em todo o território nacional, como a eclosão de várias greves operárias pelo país a partir de 1916, a fundação do Partido Comunista Brasileiro em 1922, a questão do Nordeste marginalizado nos fenômenos do cangaço e do Padre Cícero e a marcha da

Coluna Prestes em 1925. Para os intelectuais da época chegara o momento de “explicar o Brasil” a fim de se buscar alternativas para a realização de novos ideais. Desta proposta são as obras de Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior dentre outros. Oliveira Viana e Azevedo Amaral, dois dos principais ideólogos do pensamento autoritário brasileiro, como lembra Boris Fausto em *O pensamento nacionalista autoritário* (2001), inserem-se também nesta moldura. É importante ressaltar que no caso brasileiro, diferentemente do observado na Europa, este traço autoritário na política já encontrava seu berço, como assinala J. M. de Carvalho em *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi* (1987), bem antes da eclosão da grande guerra em 1914, com as históricas práticas oligárquicas exemplificadas na fraude eleitoral, a escassa participação política da população e o controle do país pelos grandes estados que enfraqueciam o poder da União.

Um ponto em comum entre os ideólogos do autoritarismo no Brasil e na Europa é a utilização do discurso científico para justificar e validar idéias sobre a posição inferior das camadas populares em relação à elite. Vejam-se as palavras de Fausto a esse respeito:

Pensadores como Oliveira Viana e Azevedo Amaral trataram de desvendar, com base nas ciências humanas, as razões da existência no Brasil de um povo, mas não de uma nação, buscando definir, a partir desse diagnóstico, os caminhos para a construção nacional. (2001, p. 19).

A grande presença de negros e mestiços na população brasileira também despertava comentários negativos entre os observadores estrangeiros, como comenta J. M. de Carvalho. Para o representante inglês eles eram “*dregs*” (“escória”), para o francês, a “*foule*” e para o português, a “escuma social”.

Como se vê, portanto, ao tentar encontrar respostas para o atraso econômico e cultural do país em relação à Europa, pensadores nacionais e estrangeiros se voltaram para a análise da sociedade brasileira e viram na constituição do povo um dos fatores que impediam o desenvolvimento nacional. Como Jeffrey D. Needell atesta sobre o modo de pensar da elite governante do Brasil nas primeiras décadas do século vinte:

Com freqüência a elite percebia o Brasil de forma semelhante aos colonizadores europeus da época, que em outras partes do mundo viam as colônias propriamente ditas como uma área de riquezas potenciais, cuja exploração era dificultada pela presença de raças e culturas inferiores (1987, p.50, tradução nossa).

A postura da elite dominante do Brasil, ao refletir uma mentalidade neocolonial ou imperialista ao longo de toda a República Velha, evidenciava a presença do “Darwinismo social” vigente nesta época. Este conceito, exemplificado na idéia da “sobrevivência do mais capaz”, foi criado na Inglaterra na segunda metade do século dezenove pelo filósofo inglês Herbert Spencer e tentava justificar os atos de uma classe social sobre a outra através de uma pretensa superioridade.ⁱ Aqui é fundamental esclarecer que o próprio Darwin não era um darwinista social, preferindo acentuar a cooperação entre as sociedades humanas como o fator primordial da sobrevivência. O pai da Teoria da Evolução, no entanto, esteve diretamente ligado à outra idéia de cunho pseudo-científico com forte presença na ideologia corrente do mundo entre guerras, que veio a exercer papel chave na ficção científica da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil de então: a Eugenia.ⁱⁱ

Dado o arraigado preconceito das classes sociais mais elevadas em relação ao povo, a eugenia encontrou um terreno propício para se desenvolver na América Latina. Como aponta Nancy Stepan:

[...] durante as décadas de 1920 a 1940, na América Latina, a eugenia estava associada, direta ou indiretamente, a congressos e conferências sobre legislação social, do bem estar infantil, saúde da mãe, doenças e famílias. Além disso, o tema melhoramento “eugênico” estava presente nos debates sobre medicina legal e na legislação sobre o papel do Estado na regulamentação do matrimônio (*apud* STEFANO, 2004, p. 486).

Percebe-se que o apelo das teorias eugênicas na segunda metade da República Velha residia em sua proteção do *status quo* e na defesa de remédios científicos e tecnológicos para solucionar problemas sociais que demandavam mudanças estruturais profundas. No caso do Brasil, um país em

que as desigualdades sociais têm resistência secular, os eugenistas ignoravam fatores econômicos e sociais na criação de projetos que acreditavam que seriam capazes de modernizar seus países e os levarem ao desenvolvimento. O romance de Gastão Cruls segue claramente essa linha de debate sobre o país, usando o discurso científico da eugenia como elemento chave. Esta postura está em consonância com a definição de Pré-modernismo proposta por Bosi: “Creio que se pode chamar de pré-modernista [...] tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (1994, p. 306).

Amazônia misteriosa descreve a jornada de um médico, referido no romance apenas como “Doutor”, à selva amazônica. Este personagem-narrador é acompanhado de uma equipe de ajudantes dentre os quais apenas se destaca na trama o caboclo Pacatuba, atuando como companheiro do narrador. A equipe se perde na floresta e é encontrada por um grupo de índios que os levam à tribo de índias de grande estatura identificadas posteriormente como as lendárias Amazonas. Através do consumo de uma bebida feita pelos silvícolas, ele empreende uma viagem onírica até a época do império Asteca e descobre a origem das Amazonas. Neste lugar, o Doutor também encontra um cientista alemão de nome Jacob Hartmann acompanhado de sua esposa francesa, Rosina, e, de dois ajudantes também europeus. Gradativamente o protagonista descobre que o cientista está fazendo experiências com animais e com os meninos recém-nascidos rejeitados pelas índias. Eventualmente o médico brasileiro e Rosina se apaixonam e decidem fugirem juntos da aldeia. Rosina, porém, sucumbe aos perigos da Amazônia e o romance termina com o narrador chorando a morte da amada.

O romance de Gastão Cruls segue uma longa tradição na literatura popular inglesa e em especial a seguida pelo escritor H. G. Wells em seus romances científicos. Esse diálogo entre a ficção científica britânica e a brasileira aponta para a influência direta das convenções literárias desta vertente romanesca praticadas na Inglaterra sobre a FC do Brasil do pós-guerra. Um desses elementos é, nas palavras de Roberto de Sousa Causo, a ligação entre o protagonista e o autor da obra. Da mesma forma que os personagens anônimos de Wells presentes em romances como *A máquina do*

tempo (1895) e *Guerra dos mundos* (1897), que compartilham características do escritor inglês, o narrador de *Amazônia misteriosa* é, assim como o próprio Gastão Cruls, um médico, que não exerce a profissão. Diante da pergunta do cientista Hartmann ao narrador se ele seria médico, o “Doutor” responde: “- Sim, ou melhor, fui, porque agora ando totalmente afastado da profissão” (CRULS, 1958, p. 51).ⁱⁱⁱ

Outro ponto de contato de *Amazônia misteriosa* com a literatura especulativa européia é a utilização da estrutura epistolar na forma de um diário escrito por um protagonista-narrador. Este ponto é anunciado nas palavras de abertura do romance:

17-XII-191... Mais um dia monótono e cansativo. Pensando abreviar caminho, logo de manhã, ao deixar o acampamento, entramos por um Paraná-mirim, que nada fazia prever fosse tão tortuoso e inçado de obstáculos. (p. 3)

Esta estratégia narrativa da literatura especulativa pode ser traçada desde o Renascimento com *Utopia*, passando pela ascensão do romance^{iv} inglês com *Robinson Crusoe* (1719) e *Viagens de Gulliver* (1726), para desembocar no século dezenove primeiro no Romantismo de *Frankenstein* (1818) e em seguida no Realismo de *Dr Jekyll e Mr Hyde* e *Drácula* (1897). A recorrência da presença do romance epistolar nesta literatura pode ser atribuída ao seu caráter altamente descritivo - o que favorece o exercício imaginativo dos escritores - e ao seu forte apelo junto ao público leitor devido à instigante questão da origem e da autenticidade dos textos publicados. Estes dois pontos trazem à tona o fato de que, assim como Bram Stoker, que descreveu a Transilvânia fictícia de *Drácula* a partir de mapas, livros de viagem e tratados de folclore do leste europeu para a elaboração do seu romance maior, a *Amazônia fantástica* de Cruls é um retrato montado através do relato de viajantes e pesquisadores que estiveram na região. A clara leitura de Cruls dessas fontes para a elaboração do seu romance aparece ao longo da trama em diversas citações diretas sobre a flora e a fauna da selva amazônica e, sobretudo de modo mais relacionado ao lugar, como na conversa entre o narrador e o caboclo Pacatuba, na qual o ajudante se recusava a ser medicado

por um supositório feito com ingredientes retirados de plantas encontrados na própria floresta: “Contei-lhe, então, a história, referida por Severiano da Fonseca, na sua *Viagem ao Redor do Brasil*, de certo capitão-general de Mato Grosso que dizia a mesma coisa e até ameaçara de enforcamento quem lhe aplicasse o supra-dito supositório” (p. 6).

Essa estrutura epistolar do livro – não mais que o capítulo inicial – se dedica a caracterizar o cenário amazônico com sua fauna, flora e geografia, privilegiando-se o registro desses elementos através do vocabulário local. A cuidadosa pesquisa de Cruls está expressa no final do livro na forma de um “Elucidário”, como ele mesmo chama, que visa explicar os termos citados ao longo da narrativa. O enredo toma novo rumo no capítulo II quando a narrativa muda para um relato mais linear e coerente. Essa mudança é introduzida de forma clara através do título “Perdidos...” (p. 17). A partir deste ponto, a expedição se perde na selva e é encontrada por alguns índios. O protagonista consegue entender os nativos e o grupo é levado para a aldeia. Após repousar no local, os viajantes são conduzidos floresta adentro a um lugar desconhecido, o que leva o narrador a divagar sobre os mistérios da Amazônia:

Seria que me atraísse a miragem do desconhecido, nesta Amazônia fantástica e misteriosa em que cada imaginação prefigura o Eldorado e todo indivíduo se julga um novo Juan Martinez a caminho de Manoa? (p. 32)

A menção ao reino maravilhoso de Eldorado, procurada por exploradores espanhóis desde o século dezesseis como Gonzalo Pizarro, irmão do conquistador do Peru, e Sir Walter Raleigh, traz à tona, conforme assinala John Clute em *Science Fiction: the Illustrated Encyclopedia* (1995), uma temática utilizada tanto pela literatura de utopia / distopia quanto pelo romance de aventuras: as histórias de “mundo perdido” (1994, p. 38). Essa ligação entre elas se deve à origem do tema no século dezesseis com a *Utopia*, de Thomas More. Mas, apesar de compartilharem de convenções literárias semelhantes como a estrutura epistolar, o relato da descrição da chegada à terra desconhecida, a análise social do mundo encontrado e a partida (ou escape) dessa sociedade, as duas narrativas se diferenciam no tratamento destes

elementos. Enquanto no romance de utopia/distopia o enredo visa objetivamente tecer uma crítica do autor através da comparação da sua sociedade com a civilização encontrada, no romance de aventuras a crítica da problemática social envolvendo classes econômicas, raça e gênero fica muitas vezes em segundo plano, se privilegiando o entretenimento. Este traço de diferenciação entre o romance de utopia e de distopia e o de aventuras se deve à ideologia presente no segundo dentro do contexto do Império Britânico.

Um iniciador e grande divulgador de romances sobre mundos perdidos na era vitoriana foi H. Rider Haggard. Seus trinta e quatro romances de aventuras levavam os leitores ingleses a todos os cantos do mundo: Islândia, Constantinopla, México, o Egito Antigo e, claro, a África, terra de perigos diversos, como povos esquecidos e civilizações perdidas. Dentre seus romances mais conhecidos estão *As minas do rei Salomão* (1885), *Ela* (1887) e *Allan Quatermain* (1887). Esse relacionamento da Inglaterra com outros povos e culturas, marcado principalmente pela crença na superioridade civilizatória inglesa sobre a pretensa barbárie local também não passou despercebida por H. G. Wells. Neste caso, porém, sua postura era contra o Imperialismo britânico. O romance *A guerra dos mundos*, por exemplo, cujo enredo mostra o planeta Terra sendo invadido por marcianos hostis, foi escrito como uma crítica à maneira como a Inglaterra tratava os povos sob o seu domínio.

A menção à cidade perdida de Eldorado pelo Doutor também se faz relevante por estar associada à outra lenda da região presente no enredo de *Amazônia misteriosa: as Amazonas*. Seu aparecimento na trama ocorre no capítulo IV (p. 45) quando o grupo do protagonista chega à aldeia de índias de alta estatura, “De formas esbeltas, os seios altos e firmes, o quadril bem modelado, os membros roliços” (p. 46). Seguindo as convenções da literatura de mundo perdido, a chegada ao território desconhecido e as impressões sobre o lugar são descritas pelo narrador:

Dir-se-ia a visão de um sonho, tal o espanto do que os meus olhos viam. Em pleno coração da selva, na mais recôndita paragem, uma cidade em miniatura, com habitações bem construídas, ruas regulares, estradas largas, e até o arremedo de praças e jardins, onde muitas árvores deveriam ter sido plantadas pela mão do homem. (p. 45)

Após algum tempo, o Doutor se sente mais à vontade na aldeia e entra em contato com uma bebida preparada pelas índias. Este trecho do romance ocupa todo o capítulo VII intitulado “O Inca” (p. 83) e descreve uma viagem onírica do narrador à época do império Inca. Chama a atenção neste ponto a visão européia de Cruls sobre uma aceitação mágico-realista da história da América. Mas o ponto principal da viagem espiritual do Doutor é a revelação sobre a origem das Amazonas, segundo Gastão Cruls. Como o narrador vem a descobrir, antes da queda final do império em decorrência do conflito com os europeus, as vestais fugiram da cidade indígena e se embrenharam na mata chegando ao Brasil. Refugiadas na proteção da selva, elas criaram uma sociedade apenas de mulheres que viriam a ser batizadas, segundo informação de Luis da Câmara Cascudo em *Dicionário do folclore brasileiro* (1988), de “Amazonas” pelo navegador Francisco Orellana em 1541, quando este estava navegando pela região em busca do Eldorado. Os limites entre “fato” histórico e ficção, portanto, se mesclam no romance, embaralhando a distinção entre eles. Esta descoberta sobre a origem das lendárias Amazonas confirma a informação dada anteriormente por Hartmann ao protagonista quando o cientista alemão apresentou suas teorias a respeito das Amazonas: “Não havia dúvida que se tratava de um agrupamento de mulheres emigrado do Império Inca por ocasião da conquista espanhola ” (p. 62). Ele complementa a sua teoria considerando que a formação da sociedade exclusivamente feminina das Amazonas era o resultado do não conformismo das mulheres pela derrota dos incas diante dos exploradores: “Daí o seu gesto de rebeldia, que as levou a trucidarem impiedosamente todos os filhos varões,” (p. 62)

Mas, sem dúvida alguma, dentre todas as influências literárias e folclóricas presentes em *Amazônia misteriosa* foi o romance *A ilha do Dr Moreau*, de H. G. Wells, a principal referência de Gastão Cruls para a elaboração de uma obra de mundo perdido brasileiro no qual se pode constatar a influência direta do pai da ficção científica inglesa.

Seguindo uma longa tradição na literatura popular britânica, *A ilha do Dr Moreau* se inicia com um personagem advertindo o leitor de que os eventos ali descritos pertencem a um diário cujo proprietário, já falecido, é o narrador do romance. Após isso, somos apresentados à história de Edward Prendick, um

náufrago do navio *Lady Vain*, que chega acidentalmente à ilha do título e deixa registrados os incríveis acontecimentos vividos por ele. Prendick gradualmente descobre que a ilha onde se encontra é a moradia e o campo de trabalho em que o cientista Moreau realiza hediondas experiências com animais, transformando-os em bestas humanas (Moreau foi expulso da Inglaterra devido a estes mesmos experimentos). Resultados das sofisticadas técnicas de alteração cirúrgica criadas por Moreau, estes seres vivem em uma bizarra comunidade controlada pelo próprio Moreau e seus assistentes, entre eles o sádico Montgomery. Este controle é obtido através de uma combinação de condicionamento psicológico e intimidação física estruturados na forma de uma ideologia religiosa seguida fervorosamente pelas criaturas. Eventualmente, contudo, a natureza bestial dos híbridos vem à tona e Moreau morre. Sem esse controle principal, as criaturas destroem as instalações da ilha. E Prendick consegue escapar do local sem deixar de experimentar, porém, um estranhamento em relação ao gênero humano, que muito se assemelha ao sentimento vivido por Lemuel Gulliver no fim da obra de Swift.

Além das fortes críticas religiosas que levaram o livro a ser considerado, segundo o crítico Roberto de Souza, até mesmo blasfemo na sua primeira publicação, devido à possibilidade de sua leitura como uma alegoria da deserção de Deus às suas criaturas, ao tornar a dor e a solidão fatos incontestáveis da vida, o romance de Wells também pode ser lido como uma crítica à ideologia imperialista da Inglaterra no século dezenove, sendo as bestas humanas uma representação dos povos dominados pelos ingleses nas colônias africanas e asiáticas. Mas, é a leitura de Moreau como um líder opressor que utiliza a ideologia científica e religiosa para o controle social que torna *A ilha do Dr Moreau* um representante da ficção científica que mescla as convenções literárias dos romances distópicos e de mundo perdido.

No Brasil, a literatura de mundo perdido também se manifestou mesclada à literatura de distopia como a expressão de um imperialismo interno, a projeção de estratégias colonialistas sobre as terras selvagens do país. É interessante mencionar que, como assinala Causo, quem iniciou a utilização do Brasil e especialmente da Amazônia como cenário para esse tipo de história não foi H. G. Wells, mas o também inglês Sir Arthur Conan Doyle com O

mundo perdido (1912). Essa influência britânica sobre a ficção científica brasileira na República Velha no período de 1918 a 1930 apareceria na década de 1920 com a publicação dos romances *Amazônia misteriosa*, de Gastão Cruls, e *O Presidente negro* (1926), de Monteiro Lobato.

O diálogo entre o romance de Cruls e o de Wells tem início quando o Doutor começa a se questionar sobre a razão da presença de um cientista alemão vivendo entre as índias na companhia de sua esposa e de poucos ajudantes. É interessante perceber como *Amazônia misteriosa* apresenta uma visão da Alemanha como um país regulado pela aplicação do racionalismo na esfera social e humana. Considerando-se os experimentos desenvolvidos pelos médicos alemães nos prisioneiros dos campos de concentração e a estrutura do Estado nazista, não se pode deixar de notar o elemento premonitório dos romances uma década antes da eclosão da Segunda Grande Guerra. Chama a atenção neste ponto o fato de que, apesar da falta de menção ao ano em que a aventura na floresta se passa, o comentário do Doutor sobre suas expectativas de ano novo não deixa dúvidas sobre a época em que a trama se desenrola (a Primeira Guerra Mundial): “Que nos trará o ano novo? Ainda perdurará pela Europa o sopro de loucura que ensangüentou os países mais civilizados?”(p. 14). Trata-se de um comentário que também poderia ser aplicado anos depois no novo conflito mundial.

No entanto, ao contrário do que o narrador esperava, Hartmann não está disposto a revelar a natureza das suas experiências: “... se o senhor viesse a conhecer as razões que me trouxeram até aqui, já então eu o faria meu prisioneiro, retendo-o na minha companhia até que pudéssemos regressar juntos, e eu creio que o senhor não quererá se arriscar a tanto.” (p. 72) O mistério a respeito do cientista alemão vem finalmente à tona no capítulo VIII, muito pertinentemente chamado de “Revelação”. Intrigado pelas experiências de Hartmann, o narrador decide se esgueirar para um local da aldeia cujo acesso foi proibido a ele pelo alemão. Lá ele observa gaiolas de tamanhos avantajados dentro das quais estão criaturas que ele não consegue identificar. Olhando mais de perto uma delas ele se vê diante de um pesadelo vivo que muito se assemelha às criaturas de Moreau:

Macaco? Preguiça? E atentei mais para o ser estranho que se rojava no chão com movimentos muito lerdos e hesitantes. Não! Era uma criança! Aquelas formas não enganavam e eram bem humanas. Mas, então, seria um monstro (p. 104).

Um aspecto a ser destacado nos comentários do personagem de Cruls sobre as criaturas de Hartmann é o discurso marcado pelas idéias eugenistas da época: “O prognatismo da face, a fronte fugidia e estreita, as orelhas em alça davam-lhe um ar bestial à fisionomia, aliás não raro em certos idiotas microcéfalos” (p. 110). Outra face do preconceito da elite brasileira expressa por Cruls é representada na observação do Doutor sobre o estranhamento de Pacatuba em relação à índia que fala francês: “Ele não se podia conformar com a idéia de ver uma índia falando língua estrangeira e julgava uma perversidade todo o trabalho que a francesa tivera para ensinar o seu idioma a Malila” (p. 97).

A consternação com o cenário ao seu redor faz com que o médico fique descuidado e ele acaba sendo descoberto por Hartmann. Diante da pergunta do cientista se ele viu todos os experimentos, o protagonista não consegue esconder a sua indignação pelas ações do cientista alemão e faz um comentário que deixa explícita a influência direta de *A ilha do Dr Moreau* sobre *Amazônia misteriosa*: “Tudo, não; mas o bastante para ficar mais que revoltado e poder julgá-lo um novo Dr. Moreau, e da pior espécie...” (p. 113) O alemão, no entanto, demonstra não ter compreendido a referência e o Doutor explica:

O senhor nunca leu *A Ilha do Dr. Moreau*, de Wells? Pois é um romance muito conhecido. O Dr. Moreau era um médico que se meteu na cabeça transformar bichos em gente, ao passo que o senhor quer fazer justamente o contrário (p. 113).

Posteriormente, Hartmann explica ao médico brasileiro que anos atrás, em sua busca por seres humanos para suas experiências, ele decidiu se infiltrar entre comunidades não civilizadas, contando com a possibilidade de desfrutar dos prisioneiros dos conflitos entre tribos: “Foi com essa idéia que ele decidira a viagem, escolhendo preferencialmente a Amazônia porque já lera Humboldt, Bates e outros e tinha um enorme desejo de conhecer a Hiléia” (p. 120). Todavia, o que o alemão não contava era se deparar com a tribo das

Amazonas. Neste ambiente ele conseguiu o material humano que buscava em virtude do desprezo das índias por crianças do sexo masculino. Mais uma vez a fala de Hartmann comentada pelo Doutor traz em mente os pesadelos científicos relatados pelas experiências nazistas que viriam a ocorrer na guerra: “[Ele] referia-se às crianças como se falasse de cobaias ou rãs com que trabalham os fisiologistas nos laboratórios” (p. 121).

A ligação de Hartmann com Moreau se torna cada vez mais estreita à medida que o cientista europeu explica as suas experiências ao Doutor:

As minhas experiências acabaram de vez com a absurda fixação das espécies, pelo menos como a entendiam os pré-darwinianos, afirmava-me convictamente o alemão. [...] Com o rosto afogueado, os olhos sempre fuzilando, e uma gesticulação desabrida, o Sr. Hartmann tinha mesmo qualquer coisa de desvairado e eu começava a ter dúvidas sobre o seu equilíbrio mental (p. 123-124)

Esse sentimento do médico brasileiro em relação ao alemão se intensifica quando ele vê os seres presentes em outras gaiolas, jaulas e cercados:

[...] passaram aos meus olhos estuporados, numa verdadeira visão apocalíptica, as mais curiosas e imprevistas formas animais, a começar pelo inconcebível híbrido de cigana e do jacuaru, espécie de grifo fabuloso e desconcertante, com quatro patas, um esboço de asas, a cabeça encristada de penas e o corpo pelancudo e áspero terminando por uma cauda de lagarto (p. 126).

Diante do quadro apresentado a sua frente, o protagonista não consegue esconder o seu espanto: “- Mas isso é o caos na natureza, dizia eu boquiaberto.” (p. 126), Hartmann, todavia, enxerga as suas criações sob um outro prisma: “- O caos, não! A ordem... porque esses cruzamentos nunca se poderão reproduzir espontaneamente. A ordem, porque assim nós temos a filogenia comprovada pela experiência” (p. 126). Percebe-se nas palavras de Hartmann a crença exacerbada na Ciência como um instrumento de controle e manipulação da natureza.

Algo que chama a atenção no comportamento do protagonista é que, apesar de ele demonstrar espanto pelos métodos científicos de Hartmann, aos poucos passa a enxergá-los com os olhos de alguém também imbuído da

mesma ideologia do alemão. Este é um ponto revelador do perfil da elite brasileira em geral e do meio científico brasileiro em particular. São palavras do protagonista: "...depois que a gente se convence do alcance dos seus estudos e sabe que ele só se aproveita de crianças irremediavelmente perdidas..." (p. 135). E a essa a francesa Rosina sentencia: "Ah, bem se vê que o senhor é médico" (*Ibidem*). Este comentário, aliado a outros ao longo de toda a obra, provoca no leitor a sensação de uma certa hesitação de posicionamento do Doutor (e de Gastão Cruls) sobre os experimentos do cientista alemão Hartmann.

O que diferencia Moreau e Hartmann são as motivações e atos dos dois cientistas. Como destaca Causo:

Hartmann não tem presunções ou justificativas pseudodivinas para os seus atos. Como cientista estrangeiro em terras brasileiras, ele se dedica à exploração e ao abuso do material humano nativo, sem dilemas ou escrúpulos. [...] Cruls, portanto, expõe – de modo talvez conradiano – a falácia do discurso humanista que mascarava o projeto colonizatório europeu (2003, p. 176).

Ao constatar que Hartmann acredita na superioridade racial do homem branco, o protagonista teme ser usado pelo alemão para as suas experiências. Esse temor é confirmado pela esposa do cientista que revela a tentativa dele para que ela participasse de um experimento:

Ele é um homem que só enxerga os interesses da Ciência. E se eu disser que ele quis fazer comigo o tal produto que conseguiu depois pelo cruzamento de uma índia com o macaco? [...] Ele achava que a índia é uma mulher muito bronca e fez tudo para que eu me submetesse à fecundação artificial, alegando que, assim, o produto sairia melhor e com outras qualidades de inteligência (p. 137)

Constatando o perigo que corre, o herói decide fugir do acampamento, acompanhado de Pacatuba e de Rosina. A partir daí, *Amazônia misteriosa* se torna um romance de aventuras, concentrando-se nas adversidades da fuga. Rosina perece, vítima dos perigos da floresta, e o relato termina sem deixar claro ao leitor se os dois homens conseguiram escapar dos índios que os perseguiam, após sua fuga ter sido descoberta por Hartmann.

Apesar de que no fim do livro se percebe que Gastão Cruls poderia ter explorado de forma mais consistente os elementos especulativos do romance, restritos a poucos capítulos na obra, a utilização de elementos e convenções da literatura de mundo perdido e do romance de aventuras mesclado com idéias derivadas da eugenia e do discurso imperialista das elites em modernizar o país inserindo-o nos moldes europeus através de métodos eugenistas de segregação de um povo miscigenado faz com que *Amazônia misteriosa* se coloque como um legítimo representante da ficção científica brasileira dentro da vertente da literatura de distopia. A leitura do romance revela que Cruls soube se aproveitar dos temas e estratégias narrativas exploradas nos projetos literários de escritores ingleses como H. G. Wells e H. Rider Haggard e escoceses como Arthur Conan Doyle sem se deixar dominar por completo pela sombra dos escritores britânicos. Infelizmente, assim como os caminhos para os mistérios da Amazônia, *Amazônia misteriosa*, de Gastão Cruls, se perdeu dentro da floresta do Modernismo de onde espera ser resgatado por novos leitores e novos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Amazonas. In: _____. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 45-46.
- CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875-1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CLUTE, John. Lost Worlds. In: _____. *Science Fiction: The Illustrated Encyclopedia*. London: Dorling Kindersley, 1995, p. 38-39.
- _____. *Science Fiction: The Illustrated Encyclopedia*. London: Dorling Kindersley, 1995.
- CRULS, Gastão. *Amazônia misteriosa*. In: _____. *Quatro romances*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958, p.1– 81.

FAUSTO, Boris. *O pensamento nacionalista autoritário: 1920-1940*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

GOLDIM, José Roberto. Eugenia. [S.L.: s.n], 1998. Disponível em <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>. Acesso em 26 de julho de 2007.

MOYLAN, Tom. *Scraps of the Untainted Sky*. Colorado: Westview Press, 2000.

NEEDELL, Jeffrey D. *A Tropical Belle Epoque: Elite Culture and Society in Turn-of-the-century Rio de Janeiro*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, Alexander Meireles da Silva. *Literatura inglesa para brasileiros: curso completo de cultura e literatura inglesa para estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

STEFANO, Waldir. Relações entre eugenia e genética mendeliana no Brasil: Octavio Domingues. In: MARTINS, R. A., MARTINS, L. A. C., SILVA, C. C., FERREIRA, J. M. H. (eds.). *Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro*. Campinas: AFHIC, 2004. p. 486-495.

TAVARES, Bráulio. (org.) *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.

ⁱ O Darwinismo Social é a tese de que a evolução social e a história social são governadas pelos mesmos princípios que governam a evolução das espécies na Natureza, de modo que conflitos entre e dentro das culturas se constituem numa luta pela existência que é o motor do progresso. (CAUSO, 2003, p.137).

ⁱⁱ Como destaca José Roberto Goldim, a eugenia era definida pelo seu criador Francis Galton como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente”.

ⁱⁱⁱ Citações subseqüentes pertencem a esta edição e serão referidas no texto pelo número da página.

^{iv} O *Novel*.